

4468

(Lucio Flavio Pinto)

Jogo do submundo

Qualquer pessoa que tivesse feito, até março deste ano, o que dizem que o deputado Sebastião Curió fez entre quinta-feira e domingo, nos arredores de Serra Pelada, estaria no momento sob a ameaça da Lei de Segurança Nacional, se já não tivesse sido presa ou coisa pior. O próprio Curió provavelmente estaria entre os que pediriam um tipo de punição semelhante ou pior. Afinal, ele agora está sendo acusado pelas autoridades do setor de segurança de ter insuflado garimpeiros a fecharem a estrada de acesso a Carajás e tentarem invadir o canteiro de obras.

Já em Brasília, o deputado do PFL poderá defender-se, dizendo que apenas expôs teses, sem insinuar agressões. A retórica sempre permite defesas. O importante é que, mesmo tendo sido responsabilizado pelos tumultos ocorridos no final da semana passada, ele não apenas está livre, como permanece no exercício de seus poderes parlamentares.

Não estamos defendendo que se aplique ao ex-agente do SNI e ex-coordenador do garimpo o remédio que ele receitava para seus inimigos quando tinha acesso aos laboratórios de feitiçaria do regime. Democracia, para ser completa e consistente, não pode sofrer recaídas, nem deve ser exercida entre exceções e regras. O que se quer é que deputado, como todo os que estão envolvidos na polêmica em torno de Serra Pelada, venha à luz do dia, abandonando a penumbra em que costuma agir, por opção da vocação, para expor publicamente suas idéias e assumir total responsabilidade sobre elas.

Os grupos interessados no garimpo, por motivação econômica ou política (e há vários atualmente em litígio, graças ao fim do monopólio informal que lá era exercido pelo próprio Curió), evitam discutir Serra Pelada racionalmente. Querem que o tratamento continue a ser emocional porque assim podem manipular a passionalidade em proveito pessoal, como já suce-

deu diversas vezes num passado mais remoto e voltou a repetir-se neste final de semana. Embora digam defender os garimpeiros, na verdade os desprezam porque não acreditam na inteligência desses homens rudes: impedem que eles tenham acesso a um debate aberto, impondo-lhes palavras de ordem, que frequentemente manipulam contra os garimpeiros. Querem a permanência do "status quo" porque lhes favorece.

Mas a atual situação interessante realmente aos garimpeiros? Será que 80% dos homens que trabalham em Serra Pelada estão condenados irremediavelmente àquele regime neolítico de escravidão, cuja brutalidade os leva a gastar o dinheiro que conseguem reunir (quando isso ocorre) com qualquer forma de drenagem, a bebedeira e a prostituição funcionando como válvula de escape à tensão e à subumanidade em que vivem?

Há possibilidades de mudanças, difíceis, complexas, mas deve-se acreditar e investir nelas, ao menos como experiência pioneira. Sou um dos que apostam nesse caminho alternativo. Mas, é claro, adotá-lo significa desfazer interesses. De um lado, os que defendem a simples substituição da garimpagem pela atividade empresarial. Do outro, os que querem continuar explorando os garimpeiros como bóias-frias não declarados.

Não me surpreende, por isso, que a cooperativa de garimpeiros (que nada tem de cooperativa ou de garimpeiros) me tenha incluído entre "os inimigos de Serra Pelada, da pátria e do povo brasileiro", num boletim que faz circular no garimpo. E qual é o meu crime? Sentencia a Coogar: "colunista do jornal O LIBERAL, que em inúmeros artigos vem realçando o MITO DE MARGINALIDADE que abate sobre os garimpeiros e sugeriu a estatização do garimpo e como consequência a retirada dos garimpeiros da maior mina a céu aberto do mundo".

A marginalidade não é um mito, mas indesmentível realidade

de em Serra Pelada. Pelo menos 80% dos que lá trabalham não têm nada além do seu trabalho. Trabalham como assalariados, só que não têm direito a previdência social, não têm férias, nem 13º salário, não possuem carteira assinada, enfim, os requisitos mínimos que distinguem o trabalho regular da escravidão disfarçada.

Há, no entanto, os produtores autônomos, que aplicaram seu capital em Serra Pelada e, se o garimpo estivesse razoavelmente distribuído (o que não ocorre: há é uma enorme concentração no domínio das "catas"), a contrapartida ao alto risco do investimento seria seu rápido retorno, com uma taxa de rentabilidade não encontrável em negócios convencionais.

O que a cooperativa diz ser estatização é uma proposta para que o Estado (entendido o poder público como um todo) entre de vez no garimpo e funcione realmente como uma alavanca em favor da mineração de pequena escala, fornecendo crédito (em troca da garantia da produção) capaz e satisfatório para impedir que o detentor do lote de mineração (meia-praça ou qualquer outro) acabe tendo que entregar-se ao "capitalista", o invisível controlador de tudo.

Nenhuma decisão, no entanto, poderá ser adotada racionalmente sem um novo estudo — geológico e econômico — de Serra Pelada. Se ainda for possível a garimpagem, que se introduza a legislação trabalhista para proteger os "formigas" e todos os que vendem seu trabalho, fazendo um saneamento entre os "capitalistas" para que emergja a verdadeira figura do produtor autônomo. Se a solução for a mineração, que se estabeleçam regras para garantir a existência e o funcionamento da micro ou pequena empresa de mineração, sustentada no apoio oficial. Manter a atual situação significa jogar dinheiro num poço sem fundo. Hoje, todos começam a saber o que abrigam esses buracos escuros do submundo. A Coogar, por exemplo.